

Instituição

Humana Povo para Povo Brasil

Título da tecnologia

Projeto Fitoterápicos: Uso Sustentável E Inovador De Recursos Da Biodiversidade

Título resumo

Resumo

O Projeto Fitoterápicos promove o uso sustentável e inovador da biodiversidade por meio do fortalecimento de cadeias comunitárias de plantas medicinais na Mata Atlântica. A tecnologia organiza hortos agroecológicos, unidades de beneficiamento e processos formativos que integram saberes tradicionais, manejo sustentável e boas práticas de produção. Implementada com participação ativa das comunidades, a iniciativa gera inclusão produtiva, amplia o acesso a fitoterápicos seguros, fortalece organizações locais e preserva a sociobiodiversidade.

Objetivo Geral

Fortalecer cadeias comunitárias de plantas medicinais no Bioma Mata Atlântica por meio do uso sustentável da biodiversidade, integrando saberes tradicionais, agroecologia, formação técnica e estruturas produtivas para gerar saúde, renda, autonomia e conservação ambiental nas organizações e territórios atendidos.

Objetivo Específico

Estruturar e fortalecer hortos agroecológicos e unidades de beneficiamento de plantas medicinais. • Capacitar comunidades em cultivo, manejo, secagem e boas práticas de produção de fitoterápicos. • Valorizar e sistematizar saberes tradicionais associados à biodiversidade. • Promover inclusão produtiva e geração de renda nas organizações envolvidas. • Consolidar arranjos produtivos locais sustentáveis e replicáveis no bioma.

Problema Solucionado

As comunidades atendidas enfrentavam desafios comuns no uso e na produção de plantas medicinais: ausência de estruturas adequadas para cultivo, secagem e beneficiamento; falta de orientação técnica para garantir a qualidade e segurança dos fitoterápicos; perda gradual de saberes tradicionais associados à biodiversidade; e dificuldade de acesso a mercados e políticas públicas que valorizassem esses produtos. A fragmentação das iniciativas locais, a baixa geração de renda, a informalidade produtiva e a pressão sobre áreas nativas dificultavam a consolidação de cadeias de valor sustentáveis. Esses problemas limitavam o potencial socioeconômico das plantas medicinais e impediam que agricultores familiares, mulheres, jovens e comunidades tradicionais ampliassem sua autonomia produtiva. A tecnologia social foi criada para enfrentar esse cenário, oferecendo uma metodologia integrada de diagnóstico participativo, formação técnica, estruturação de hortos e unidades de beneficiamento, fortalecimento organizativo e articulação de mercados. Ela pode ser implantada em territórios que desejam desenvolver cadeias comunitárias de fitoterápicos com base no uso sustentável da biodiversidade.

Descrição

A tecnologia social “Projeto Fitoterápicos: Uso Sustentável e Inovador de Recursos da Biodiversidade” é uma metodologia integrada de fortalecimento de cadeias comunitárias de plantas medicinais no Bioma Mata Atlântica. Ela articula diagnóstico participativo, formação técnica, organização produtiva, infraestrutura comunitária e governança social para promover o uso sustentável da biodiversidade, gerando saúde, renda e conservação ambiental. A tecnologia foi aplicada em quatro organizações de base — no BA, PR, SP e SC — cada uma com sua realidade sociocultural e produtiva, mas conectadas por uma metodologia comum. 1. Fase de Mobilização e Consentimento Comunitário A implantação inicia-se com a apresentação do projeto, a escuta das organizações e a pactuação coletiva da participação, por meio do Consentimento Prévio Livre e Informado (CPLI). A interação é conduzida por organizações já atuantes nos territórios ou por articulação com lideranças locais. Cada comunidade identifica seus representantes e estabelece canais de diálogo. Esse momento garante respeito aos saberes tradicionais, autonomia local e legitimidade da tecnologia. 2. Diagnóstico Participativo e Construção Coletiva do Plano de Ação A metodologia utiliza ferramentas como rodas de conversa, mapeamento da cadeia produtiva, entrevistas individuais, análise da sociobiodiversidade local e a “Árvore de Problemas e Soluções”. As oficinas de diagnóstico envolveram mais de 120 participantes nos quatro territórios, proporcionando: ● Levantamento das espécies medicinais prioritárias; ● Identificação de gargalos produtivos, riscos e oportunidades; ● Mapeamento de atores estratégicos e parcerias; ● Sistematização das necessidades de formação e infraestrutura. Os resultados são validados coletivamente e transformados em planos de ação específicos por organização, respeitando sua identidade, cultura e vocações produtivas. 3. Estruturação

dos Hortos e Unidades Comunitárias de Beneficiamento Com base nos diagnósticos, são estruturados hortos agroecológicos, estufas de secagem, viveiros e áreas de coleta sustentável. A etapa inclui: ● Preparo de solo, compostagem, adubação e manejo ecológico; ● Definição de espécies nativas de interesse comercial e terapêutico; ● Implantação de áreas demonstrativas e viveiros de mudas; ● Criação de protocolos de manejo e rastreabilidade. Para o processamento, as organizações recebem apoio para construir ou adequar espaços comunitários: laboratórios, cozinhas fitoterápicas, estruturas de secagem, ambientes de embalagem e salas administrativas. As adequações seguem normas da ANVISA para boas práticas de produção. 4. Formação Técnica Continuada e Valorização dos Saberes Tradicionais A metodologia prevê capacitações em cultivo, colheita, secagem, armazenamento, boas práticas de manipulação, formulação de fitoterápicos, gestão e comercialização. Foram realizadas mais de 60 oficinas somadas entre os quatro territórios, beneficiando mulheres, jovens, agricultores familiares e detentores de conhecimentos tradicionais. Esse processo fortalece lideranças locais, amplia a autonomia das organizações e promove o diálogo entre saberes populares e conhecimento científico. 5. Organização da Cadeia de Valor e Inclusão Produtiva A tecnologia orienta as organizações a estruturar modelos de governança e comercialização, favorecendo a economia solidária. Inclui: ● Criação ou fortalecimento de arranjos produtivos locais; ● Acompanhamento técnico para gestão de estoque, custos e qualidade; ● Desenvolvimento de rótulos, embalagens, padronização e boas práticas; ● Articulação com mercados locais, institucionais e feiras regionais. Mulheres e jovens assumem papel de destaque, ampliando sua autonomia econômica e participação nas decisões. 6. Governança Comunitária: GCAP e Participação Social Cada território institui um Grupo de Acompanhamento ao Projeto (GCAP), composto por representantes comunitários, técnicos, parceiros e lideranças tradicionais. O GCAP acompanha todas as decisões, valida cronogramas, discute ajustes e monitora indicadores, garantindo autogestão, transparência e corresponsabilidade. Depoimentos das oficinas reforçam a importância da participação comunitária, destacando aumento da autoestima, fortalecimento da identidade local e maior segurança no uso das plantas. 7. Monitoramento, Avaliação e Sistematização O acompanhamento ocorre por meio de: ● Relatórios trimestrais; ● Listas de presença das oficinas; ● Registros fotográficos; ● Visitas técnicas nos territórios; ● Indicadores de produção, formação e governança; ● Avaliações participativas com a comunidade. Os aprendizados são documentados e disseminados em relatórios e na revista do projeto, favorecendo replicação. 8. Impactos Observados e Avanços para os Públicos A tecnologia gerou: ● Fortalecimento de 4 organizações comunitárias; ● Ampliação de hortos e viveiros ecológicos; ● Implantação e adequação de laboratórios/estruturas de secagem; ● Inclusão produtiva de mulheres e jovens

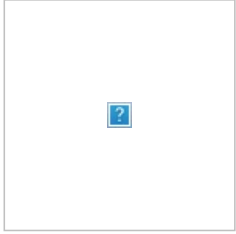
Recursos Necessários

A implantação de uma unidade da tecnologia requer infraestrutura básica para cultivo, beneficiamento e formação comunitária. Para o horto agroecológico, são necessários: área destinada ao cultivo; ferramentas manuais (enxadas, pás, ancinhos, tesouras de poda); insumos orgânicos; sistemas simples de irrigação; estufas ou sombrites; mesas de germinação; viveiro de mudas; estruturas de sombreamento; placas de identificação; e recipientes para manejo e coleta. Para a unidade de beneficiamento e manipulação, são necessários: sala com piso lavável e ventilação; bancadas de inox; pias e sistema de água; prateleiras e armários; mesa de triagem; desidratador ou estufa; liquidificador industrial; peneiras, trituradores e moedores; balanças de precisão; embalagens adequadas (sachês, frascos, potes, rótulos); vidrarias básicas (béqueres, frascos âmbar, conta-gotas); e Equipamentos de Proteção Individual (luvas, toucas, máscaras, aventais). Para as atividades formativas e de gestão, são necessários: projetor ou quadro móvel; cadeiras e mesas; kits pedagógicos; materiais impressos (cartilhas, apostilas, fichas de registro); computador ou tablet para sistematização; armário para arquivos; e materiais de escritório. Além disso, a implantação requer recursos para adequação do espaço físico (pequenas obras, pintura, iluminação e instalações elétricas/hidráulicas) que garantam boas práticas de produção e segurança sanitária. A combinação desses recursos possibilita a produção comunitária de fit

Resultados Alcançados

A implementação da tecnologia social gerou resultados expressivos nos quatro territórios atendidos — Cangula/BA, AOPA/PR, COOPLANTAS/SP e APACO/SC — fortalecendo organizações comunitárias, ampliando a autonomia dos produtores e promovendo o uso sustentável da biodiversidade. As oficinas de diagnóstico e formação mobilizaram mais de 150 participantes, entre agricultores familiares, mulheres, jovens, detentores de saberes tradicionais, técnicos e parceiros. Foram realizadas mais de 60 atividades formativas, totalizando cerca de 350 horas de capacitação em cultivo agroecológico, manejo, secagem, beneficiamento, boas práticas de produção e gestão. Quatro hortos agroecológicos foram fortalecidos ou ampliados, com dezenas de espécies nativas catalogadas, promovendo conservação da sociobiodiversidade. Três unidades de processamento foram estruturadas ou melhoradas, permitindo à comunidade produzir chás, pomadas, sabonetes medicinais, tinturas e outros derivados de forma segura. O processo também consolidou protocolos comunitários de colheita, secagem e armazenamento, reduzindo perdas e garantindo a qualidade dos fitoterápicos. Os impactos qualitativos são igualmente significativos. Mulheres passaram a assumir maior protagonismo nos processos produtivos e de gestão, representando

aproximadamente 70% das participantes regulares das oficinas. Jovens ampliaram sua atuação na mobilização, comunicação e continuidade das práticas. Comunidades relataram fortalecimento da autoestima, valorização dos saberes tradicionais e maior confiança na capacidade de produzir com qualidade e sustentabilidade. A criação dos GCAPs (Grupos de Acompanhamento ao Projeto) em cada território consolidou a governança comunitária, garantindo acompanhamento mensal das ações, avaliação participativa e tomada de decisões compartilhadas. As avaliações realizadas ao fim das oficinas indicaram satisfação superior a 90% dos participantes, destacando clareza da metodologia, aplicabilidade prática e fortalecimento das organizações. O monitoramento dos resultados foi conduzido por meio de listas de presença, registros fotográficos, relatórios técnicos trimestrais, visitas de campo, entrevistas com beneficiários e validação comunitária dos planos de ação. As informações foram sistematizadas na revista do projeto e nos produtos técnicos, evidenciando impactos mensuráveis na capacidade produtiva, organização social, sustentabilidade ambiental e inclusão produtiva.



Locais de Implantação

Endereço:

Quilombo Cangula, Alagoinhas, BA

Terra Indígena Toldo Chimbangue, Chapecó, SC

Quilombo Rio Verde, Guaraqueçaba, PR

Agrovila, Itaberá, SP
